

Experiências e vivências dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos S.A - MATSULFUR de Montes Claros – MG (1969-1994)

Experiences and habits of living of workers at MATSULFUR cement company in the town of Montes Claros - Brazil (1969-1994)

Laurindo Mékie Pereira*
Irineu Ribeiro Lopes**

Resumo: A proposta deste artigo é fazer uma análise das experiências e vivências dos trabalhadores da Matsulfur – fábrica de cimento, a partir de duas perspectivas: na primeira, analisar como se deram as relações de trabalho dentro da fábrica; na segunda, estudar a organização e o cotidiano desses trabalhadores fora da fábrica. Para tanto, tomamos utilizaremos o legado que Karl Marx deixou através de sua obra o Manifesto Comunista de 1848, bem como os estudos desenvolvidos por Edward Palmer Thompson e Eric Hobsbawm. Através de suas obras foi possível desvendar a história dos trabalhadores, inscrita em documentos e nas memórias dos entrevistados.

Palavras-chave: Experiência de classe, trabalhadores - Matsulfur, Montes Claros.

Abstract: This paper aims to analyze experiences and habits of living of workers at Matsulfur Cement Company from two perspectives: the first, analyzing how working relations had been established within the company; the second, studying the organization and daily habits of these workers outside the factory, emphasizing their complex, subtle and sometimes contradictories relationships. In order to attain this goal, we based on the legacy left by Karl Marx in his Communist Manifesto (1848) as well as on the studies developed by Edward Palmer Thompson and Eric Hobsbawm, representatives of the English School. Through their works it was possible to disclose the history of workers as found in documents and memories of the interviewees.

Keywords: workers, class experience, Matsulfur, Montes Claros.

A história de todas as sociedades existentes até hoje tem sido a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, têm permanecido em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou pela destruição das duas classes em luta (Karl Marx e Friedrich Engels, Manifesto do partido Comunista, in: Cartas Filosóficas e outros escritos, 1987 p.84).

*Doutor em história pela Universidade de São Paulo/USP, professor do Departamento de História e de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes. Bolsista FAPEMIG/BIPDT

**Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claro/Unimontes, professor do Departamento de História da Unimontes.

Introdução

No Manifesto do partido Comunista, cujo trecho inicia o presente artigo, Marx afirma que a história da humanidade é “a história da luta de classes”. Na perspectiva dialética ele destaca que as classes estão em constante movimento, por isso mudam ao longo do tempo, de acordo com o contexto econômico, político, social e cultural de cada lugar. Ele assevera ainda que os conflitos e contradições ocorrem como uma guerra constante, “aberta ou disfarçada”, termina sempre em uma transformação, ou seja, é momento em que a relação se torna intolerável, onde não dá mais para suportar é o limite do sofrimento, é quando ocorre a revolução.

Em sua obra, “O 18 Brumário”, Marx (1974) aprofunda essa reflexão e esclarece, de acordo com o nosso entendimento, em que circunstâncias vão acontecer essa revolução: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (p.335).

De formação marxista, E. P. Thompson fez uma nova interpretação no interior do materialismo histórico, atentando para a diversidade de experiências de formação da classe trabalhadora.

Seus estudos são parte fundamental da História Social do Trabalho “vista de baixo”, focada no estudo das experiências e vivências de pessoas comuns, legitimando o desenvolvimento de uma ponte entre teoria e prática, bem como a produção de várias pesquisas sobre a formação da classe operária, a escravidão, os costumes, as tradições, as festas, o lazer e a religião de pessoas comuns, que, então, eram silenciados pela história tradicional.

Para Eric Hobsbawm (2000), E. P. Thompson, em sua extensa obra, produziu tanto um modelo, como uma nova versão flexível da ortodoxia marxista:

[...] é importante recuperar o que pudermos sobre o modo como os trabalhadores pobres viviam, agiam e pensavam, e, na medida em que agora está produzindo uma grande quantidade de “história oral” ou mesmo de memórias realmente escritas por homens e mulheres da classe trabalhadora, há uma importante ampliação de nossa perspectiva (p. 21).

No entanto, Hobsbawm ressalta que a história oral não é um fim em si mesmo, ela precisa ser tratada com muito cuidado, para não produzir uma versão “arqueológica esquerdizante”, ou seja, guiada apenas por uma postura inflexível e muito entusiasmada. Nesse sentido, Paul Thompson, através de sua obra: *A voz do passado – história oral*,

desmitifica a história oral e mostra a importância dessa e como se deve fazer entrevista, assim, ajuíza: “A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada” (Thompson, 2002 p. 22). É interessante como a história oral, por meio de Paul Thompson, amplia as fontes e as técnicas de pesquisa e por isso: “[...] a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história”.

Em nossa experiência, entrevistamos operários que foram indicados pelos próprios colegas, confrontamos os depoimentos com atas do sindicato e outras fontes impressas. De tal forma, os próprios trabalhadores entrevistados nos ajudaram a compor o mosaico de histórias de vida e de experiências, ou seja, pedacinhos que precisaram ser montados para constituírem o todo, um verdadeiro quebra-cabeça composto pelas evidências das narrativas desses trabalhadores. Dessa maneira, segundo Thompson (2002),

a evidência oral é de particular valor para o historiador da vida operária preocupado com o processo de trabalho propriamente dito – não é simplesmente sua tecnologia, que discutimos, mas a experiência de trabalho e as relações sociais que desta resultam (p. 114).

A nossa escolha pela fonte oral sobreveio da necessidade de conhecer as pessoas, suas histórias, aprender com suas experiências de vida e de partilhar suas dores e alegrias. Nesse sentido, percebemos que trabalhar com história oral exige do historiador responsabilidade e cuidado no trato com o outro, conforme assevera Déa Ribeiro Fenelon (1996):

Interessa, portanto, reconhecer o uso da fonte oral como uma fonte documental a mais para o trabalho do historiador e, como tal, sujeita aos mesmos cuidados que dedicamos a outros materiais, reconhecendo suas potencialidades e colocando sempre as questões advindas de nossas problemáticas de investigação (p. 26).

Diante dessa perspectiva, o nosso desafio se constituiu em identificar fragmentos que nos ajudassem a desvendar os silêncios produzidos pela construção teórica de prosperidade, arquitetada pelos proprietários e dirigentes da Matsulfur, com o suporte da imprensa local, do poder público municipal e de alguns seguimentos da sociedade montes-clarense.

O exame das fontes revela uma experiência atravessada por conflitos e contradições. Conscientes disso, propusemos algumas questões-problema: quais os acontecimentos ocorridos na fábrica que mais geraram conflitos e antagonismos entre patrões e empregados? Como essas tensões eram resolvidas pela fábrica? Por concentrar mineradora e fábrica juntas, como eram organizados os trabalhadores? Quais eram as condições de trabalho dos operários? Havia muitos acidentes de trabalho? Como surgiu o movimento sindical na

fábrica? Quem eram os líderes desse movimento? Quais foram as principais demandas e conquistas desse movimento sindical?

A classe se faz dentro e fora da fábrica, como ensina Thompson. Por sinal, pesamos o termo classe aqui precisamente como o define o historiador britânico:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humana (1997, p. 9).

Para Thompson, classe é um fenômeno histórico e não uma categoria rígida, conforme é interpretada pela corrente marxista, portanto, é fruto das experiências humanas que foram construídas e acumuladas historicamente, podendo ser herdadas ou transmitidas, de acordo as tradições, os costumes e a cultura de cada organização social, em cada tempo e espaço, por se tratar de uma relação que não tem uma forma definida.

Matsulfur: Símbolo de um “tempo de progresso”

A Matsulfur foi inaugurada na década de 1960. Sua obra teve início 1964 e sua inauguração aconteceu em 1969, sendo uma das primeiras indústrias instaladas na cidade de Montes com incentivos fiscais da SUDENE.

Líder na arrecadação de ICMS, na geração de milhares de empregos e na formação de mão obra especializada, a empresa era apontada pela imprensa como a grande responsável pelo crescimento e desenvolvimento da cidade, através da geração direta e indireta de empregos.

O *status* conquistado pela Matsulfur possibilitou que seus diretores se destacassem entre as lideranças locais e regionais, contribuindo também para fortalecer os laços das elites. Nessa articulação, acordos políticos foram efetivados e transformaram a fábrica em uma verdadeira parceira no processo de formação de mão de obra qualificada e no apoio ao ensino superior. A fábrica também se destacou perante a comunidade com a “doação” de cimento para a construção de casas, igrejas, escolas e praças. Essa atuação “benevolente” criou e produziu uma cultura de pertença com a cidade e com os grupos dirigentes, estes passaram, através da imprensa local, a alardear a grande importância da fábrica para a cidade e sua gente.

Dentro da fábrica

Ao refletir sobre a interpretação de documentos orais, Dante Marcello C. Gallian (1996) assevera que:

[...] a entrevista de História Oral traz à tona advém da memória [...] A memória é dinâmica, ela é um processo; um processo de diálogo entre o presente e o passado do indivíduo, envolvendo os seus mais diversos níveis: o consciente, o inconsciente, o supra consciente. A memória pressupõe a alteridade e a dinâmica do próprio indivíduo: não só o presente é experimentado subjetivamente, mas também o passado é experimentado subjetivamente no presente (p. 143).

Verificamos nas narrativas dos trabalhadores que, ao construir seus discursos sobre o passado, ou seja, sobre o seu próprio passado, como afirma Gallian, muitas vezes eles o fizeram em função do presente. O passado foi reinterpretado, assim como as experiências e vivências do momento vivido ao momento lembrado, todavia, muitas coisas não aparecem no ato da narração e, curiosamente, as fotografias e a presença de pessoas da família contribuem para complementar suas narrativas.

Lazer e trabalho se cruzam nas memórias dos entrevistados. O relato sobre a participação em times de futebol foi apareceu em vários depoimentos. Ao falarem sobre o time de sua preferência, os entrevistados tomaram o tempo presente como referência para fazerem analogia ao passado. Identificamos que alguns deles foram recrutados pelas indústrias porque eram jogadores de futebol, a indicação era feita por colegas de time que tinham conhecidos ou que trabalhavam na fábrica. O fato de ser jogador, não representava nenhum privilégio nas relações de trabalho, o que interessava à empresa era a condição física que eles tinham para exercerem qualquer tipo de trabalho que exigisse saúde, força física e agilidade.

Durante as entrevistas, obtivemos a informação de que a maioria dos trabalhadores veio de cidades vizinhas do Norte de Minas; e que vieram para Montes Claros em busca de trabalho e de uma oportunidade digna de vida. Esses trabalhadores moraram um tempo em casa de parentes ou adquiriram um terreno na periferia da cidade, onde construíram um pequeno barraco até poderem erguer suas casas. Por essa razão, os que nos receberam em suas casas falaram com muito orgulho, alegria e emoção de terem sua casa própria; e afirmaram que essa aquisição foi fruto de muito trabalho e suor e, ainda, atribuíram essa conquista ao acordo da cooperativa dos trabalhadores da Matsulfur, que tinha um programa de financiamento de lote e de construção da casa própria.

Geraldo do Nascimento Costa¹, mais conhecido como “Butete” por seus colegas de trabalho e de futebol, nasceu em Salinas e veio com seus pais e irmãos para Montes Claros ainda criança. Trabalhou na fábrica como operador de forno e mecânico, no período de 1974 a

1997. Depois de ter se aposentado, permaneceu na fábrica por mais três anos, trabalhando em uma empresa terceirizada, saiu porque o salário era baixo e também porque já estava cansado daquele serviço.

Conforme seu relato:

Durante 23 anos trabalhei na fábrica, passei toda a minha juventude lá dentro, não fiquei mais porque não quis, quando entrei láo serviço era muito pesado. Eu joguei no time da fábrica, fomos campeão do campeonato das indústrias. Eu trabalhei de mecânico, mas naquela época não tinha esses equipamentos moderno que têm hoje. O forno um e dois, tinha um sistema mecânico e sua manutenção era osso. A coisa era resolvida na pá, na enxada, no carrinho e no braço. Comi muita poeira de carvão, de cimento, eles davam um lanche muito bom, era muito leite, pão com salame, para guentar o batente que era de matar. Para fazer manutenção, tinha que ligar para fazer o bloqueio do parafuso gigante que rodava o cimento. Um soldador ficou um dia soldando o parafuso, ai dera uma rata, ligaram o parafuso e mataram o soldador. Acidente de trabalho naquela época era muito comum acontecer... muitas vezes provocado pelo cansaço do serviço pesado ... no início faltava equipamentos de segurança e a quando começou a ter a piãozada não dava muita bola pra usar, depois a gente foi acostumando. Na manutenção diária do forno, a gente usava um casaco de amianto, uma bota com o solado de madeira era umtamanco, porque o calor era violento... então a gente ia revezando, ninguém agüentava ficar mais de dez minutos, o peão fazia o serviço e saia correndo ... não podia tomar vento ia pra sombra, lá tirava o capacete que já tava ficando mei mole e o casaco de amianto, ficava banhado de suor, o jeito era tomar muita água. Uma vez por ano, costumava parar a fábrica para manutenção do forno, era trinta dias trabalhando, revezando as turmas, todo mundo pegava no pesado. Após cindo dias parados, começava a fazer os reparos, o forno ainda estava muito quente, por isso tinha que entrar equipado se não agüentava ...o duro era subir todas as escadas, de uma altura de setenta metros, podia usar o elevador interno, o serviço era de dar medo...principalmente na segunda feira, quando o sujeito vinha trabalhar de ressaca... mas era bom, a fábrica pagava direitinho e na cidade não tinha outro emprego, graças a Deus aposentei sem sofrer um acidente.(COSTA, G. N. 14 Nov 2013, Montes Claros, entrevista concedida ao autor)

Em sua narrativa Geraldo “Butete”deixou claro que ser jogador de futebol no time da fábrica não significava ter privilégios, eles (os jogadores) tinham que trabalhar pesado como todos os demais operários. Com relação ao ambiente de trabalho, informou-nos que diariamente tinha contato com pó de cimento e de carvão, além disso, padecia com o calor do forno. Constatamos, pois, que além de insalubre e de alta periculosidade, o trabalho na fábrica exigia uma boa condição física dos trabalhadores. Ao falar sobre os acidentes de trabalho, o entrevistado ressaltou o cansaço dos operários e a falta de segurança.

É interessante que, apesar da distância no tempo e no espaço, certas experiências são recorrentes na história dos trabalhadores. E. P. Thompson (1988),em sua obra clássica,*A Formação da Classe Operária Inglesa, II*, ao analisar o consumo de bebida etílica dos operários do século XIX, destaca:

Entre 1820 e 1840, houve um acentuado aumento no consumo de gim e uísque. Mais uma vez, tratava-se de uma questão tanto cultural quanto dialética. Os trabalhadores

agrícolas, os carregadores de carvão e os mineiros consideravam a cerveja essencial para o desempenho de qualquer trabalho pesado (“para repor o suor”); em certas regiões do norte, cerveja era sinônimo de “trago (p. 183).

De acordo com Thompson, o consumo de bebida alcoólica é um costume que foi incorporado às formas de resistência nas relações de trabalho, tendo em vista que, no século XIX, a classe operária inglesa foi marcada por um processo de exploração que impossibilitava a esses operários terem tempo para o lazer, escola e família. Verificamos que o consumo de bebida alcoólica, em alguns casos a dependência química, também foi comum na vida de muitos operários da Matsulfur, conforme narrativas dos próprios trabalhadores.

Antônio Fróisⁱⁱ, casado, aposentado, nos recebeu em sua casa e colocou a nossa disposição alguns documentos, medalhas e troféus, que ganhara quando trabalhou na fábrica. De acordo com esses documentos, no período de 1972 a 1975, Antônio trabalhou na ampliação do silo na Construtora – Servieng, no ano de 1975 foi contratado para trabalhar na Matsulfur, onde permaneceu até 13 de novembro de 2000, data em que se aposentou. Bastante empolgado, Antônio nos informou que uma das suas maiores paixões é o futebolⁱⁱⁱ, inclusive foi jogador do Nacional, time do bairro Santos Reis, juntamente com o Geraldo “Butete” e outros companheiros da fábrica. Durante toda a sua vida, o futebol sempre foi o maior entretenimento, para ele é o ponto de encontro com amigos, para discutir e curtir. Ainda hoje acompanha esse esporte e é frequente e assíduo dos campos de futebol. Relatou também que naquele tempo aconteciam os campeonatos das indústrias, eventos que movimentavam o esporte local. Solicitamos que Antônio nos relatasse sobre sua vivência dentro e fora da fábrica, ao que ele prontamente nos informou:

Quando eu comecei a trabalhar na fábrica, eu comecei na construção e depois ele me contrataram para a limpeza do forno e na moagem, a gente carregava os moinhos com carrinho, hoje não tem mais, mas naquela época agente trabalhava com seu Milton Faraó, homem bom de serviço, Butete e o irmão dele Expedito que morreu e mais outros colegas, é quem pegava pesada lá no forno. O carrinho de bola de xipso era um peso...lá no forno nós usava uma toca para proteger a corlória ... molhava para enxugar o sô... andar com o tamanco dentro do forno, usando o tamanco e aquele casaco de amianto num era pra quaquar um. O moinho trabalhava com toneladas de bola de ferro, quando eu entrei o barulho no início me assustava. Eu ganhei muitas medalhas porque eu não faiava. Tinha dia que eu sai do serviço cedo ...a gente tava tomando uma pinga e comendo uma carne, aí doutor Cristovão chegou no buteco e disse, faltou um peão e vim te buscar, sua mulher disse que você antes de chegar em passava aqui, num tava nem agüentando..mas tinha que ir, outros colegas escondia da rural dentro da casa...o doutor Cristovão e o doutor Eduardo era muito legal, ele ia conversando com a gente e aí a gente segurava as pontas, foi por isso que eu trabalhei esse tempo todo lá. Eu dou graças a Deus de ter aposentado com vida, tinha vez que eu tinha vontade de não voltar, mas pra quem tem família, não podia esmorecer. Lá era uma tragédia, os acidentes sempre era fatal, mas culpa do peão... lá tinha só a hora de entrar... tinha vez que eu entrava sexta-feira e só voltava no domingo. Como eu era muito correto eles me colocaram para trabalhar no tratamento de água, era longe da fábrica e por isso eles dava uma bicicleta pra gente

ir para esse lugar, trabalhava sozinho nessa barragem, lá eu fazia o tratamento água que abastecia a fábrica... Cê tinha que saber nadar, ter um fôlego para mergulhar e com a lebanca destravar lá no fundo quando dava problema. Mas agente trabalhava satisfeito porque eles pagavam bem e dava prêmio para quem não faltava, eu tinha umas horas extras pra receber, quando eu aposentei não quis caçar confusão com a empresa, tanto é que até pouco tempo eu ia trabalhar na Jorasa um empreiteira que trabalha pra eles. (FROIS, A. 30 Dez 2013, Montes Claros, entrevista concedida ao autor).

O relato de Antônio Fróis é muito semelhante ao de Geraldo, carregado de sinceridade. Ambos foram operários disciplinados e trabalharam em condições degradantes, todavia, muito bem dispostos, narraram com alegria as experiências vividas na fábrica. Com base nos depoimentos dos entrevistados, interpretamos que as relações de trabalho na Matsulfur eram pautadas pelos princípios de dominação e subordinação, ou seja, a fábrica ditava as regras, e aqueles que as cumpriam eram premiados; os que não, eram demitidos. Os depoimentos também revelam que era preciso ter dedicação exclusiva à fábrica: “... lá tinha só a hora de entrar...”, muitas vezes mal haviam saído da fábrica, eram obrigados a retornar: “... a rural chegava com o doutor Cristóvão e não tinha jeito, tinha que voltar para a fábrica”. Em relação aos acidentes de trabalho, Antônio foi categórico: “Lá era uma tragédia, os acidentes sempre era fatal, mas culpa do peão...”.

Gentil Santana da Silva^{iv} (68 anos), aposentado, nos recebeu em sua casa na companhia de sua esposa, Maria Antônia Gonçalves da Silva, esta o acompanhou na entrevista uma vez que o senhor Gentil não escuta muito bem. Após explicarmos o motivo da nossa conversa, seu Gentil e a esposa começaram a relatar a dor que sofrem com a perda da filha, que morreu de câncer de mama, deixando dois filhos, hoje a alegria do casal. Eles nos informaram que essa foi a segunda filha que perderam; a primeira faleceu há dez anos de meningite. Diante disso, nos vimos obrigados a falar sobre outros assuntos antes de adentrarmos no tema da nossa entrevista. Depois de um tempo, pedimos ao senhor Gentil que nos falasse sobre o tempo em que trabalhou na Matsulfur, como foi a sua trajetória na fábrica. Ele, então, nos relatou:

Eu trabalhei na fábrica de 1980 a 1987, de auxiliar de forno e moinho, lá usava todo equipamento de proteção. [Dona Maria entrou no meio da fala do Sr. Gentil e disse]: mas foi lá que você ficou surdo, [ele então afirmou]: ah é mesmo, todo ano descia todo mundo lá pro centro fazer teste e limpeza no ouvido... aheu trabalhei na manutenção do forno, usava um casaco de amianto, o calor na cabeça era de matar, os colegas encaixaram um pedaço de maderite no capacete pra guentar aquele calor do forno ... um dia eu entrei lá com a bota sem o tamanco, quando sai a bota tava é derretendo o solado ... Quandoeu fiz acerto ...promodede pegar o fundo de garantia e terminar a casa ... agente ficava trinta dias fora do trabalho, no dia que vortei pra modo de trabalhar eles falou que não ia me contratar mais, o médico já sabia que eu tava surdo. Então dispôs fui trabalhar na madeireira Pinheiro, só sai dispôs de aposentar. Hoje continuo na lida, trabalhando de guarda, o dinheiro da aposentadoria é pouco sabe. (SILVA, G. S., entrevista concedida em 03 nov. 2013 ao autor).

O encontro com seu Gentil e sua esposa foi marcado por momentos de muita emoção e aprendizado. Eles é que deram o ritmo da entrevista, sempre intercalavam a conversa com outros assuntos, parece que para eles a fábrica tinha ficado pra trás, havia boas lembranças, como os benefícios e prêmios recebidos. Entretanto, ao perguntarmos como foi trabalhar na fábrica e morar ao lado dela, ele prontamente respondeu: “...foi Deus que me livro de continuar por lá, pois muitos colegas já morreram dentro daquela fábrica ou ficaram com o pulmão entupido, é uma doença desse modo”. Dona Maria Antônia, esposa de seu Gentil, ao se referi ao fato de morar próximo da fábrica, falou de modo contundente: “já comemos muita poeira dessa fábrica, mas agente vai e a fábrica fica”.

Entrevistamos Raimundo Silva Santos^v, aposentado, casado, ex-diretor presidente do sindicato dos trabalhadores da fábrica, ele nos revelou um discurso mais politizado sobre a condição de trabalho dos operários da Matsulfur. A nossa conversa com Raimundo ocorreu na sede do sindicato; ele tanto nos respondeu prontamente todas as perguntas, como gentilmente disponibilizou os documentos do sindicato para nossa pesquisa. Realizamos dois encontros com Raimundo, encontros esses que foram fundamentais para a compreensão das lutas dos trabalhadores, das formas que a empresa utilizou para controlá-los, bem como os fatores que determinaram o surgimento de um novo movimento sindical com os trabalhadores da fábrica.

Raimundo, antes de trabalhar na Matsulfur, foi empregado do Frigorífico Norte de Minas – Frigonorte – por treze anos e só saiu porque a empresa entrou em falência. Ele nos relatou que conseguiu o emprego na fábrica através do senhor João Bosco, naquela época, seu companheiro de “movimento na Igreja Católica”. Quando João Bosco soube que Raimundo estava desempregado o convidou para trabalhar na fábrica e, dessa forma, foi contratado como auxiliar de mecânica, em 1982. Convidamos Raimundo a nos relatar suas experiências de trabalhador da Matsulfur:

Olha, a gente trabalhava demais na fábrica, cê tinha que tá a serviço da fábrica 48 horas por dia, num era 24 horas era 48. Eu dou graças a Deus no meu trabalho de não ter tido nenhum lesão, nenhum acidente, nem adoecer dentro daquela poeira. Eu tava na igreja namissa quando a Kombi da fábrica chegava e a gente tinha ir na hora pra fábrica, eles iam atrás daqueles que tinha mais experiência. Eu então consertava a máquina e mais tarde eles me levava pra casa. Então isso acabava tirando a sua liberdade, na hora de descanso e lazer. Quando eu cheguei na fábrica, já tinha uma cooperativa de consumo que a fábrica ajudou os funcionários a criar, e era administrada pelo setor de recursos humanos da fábrica. Ela tinha um armazém e os preços eram melhor que os da cidade... ela também mantinha um convênio com os trabalhadores para compra de terreno, financiamento de materiais de construção da casa dos trabalhadores. Minha casa mesmo foi construída por este convênio. Lá na fábrica tinha uma associação desportiva que cuidava da área de lazer e esporte dos trabalhadores, muitos trabalhadores foram contratados para trabalhar porque era bons jogadores nos times da cidade. Com relação aos acidentes Naquela época

na fábrica tinha muito acidentes, por causa das condições de trabalho e muitos companheiros bebiam muito e isso contribuía. O médico da fábrica não dava a devida atenção para aquela situação, ele fazia vista grossa para as condições de saúde e de trabalho dos trabalhadores. (Entrevista concedida em 06 dez 2013,).

As informações de Raimundo evidenciam as várias abordagens que tratamos até aqui, inclusive o fato do trabalhador está sempre à disposição da empresa, ao que ele ressaltou: “cê tinha que tá a serviço da fábrica 48 horas por dia, num era 24 horas era 48.”; tais relatos coincidem, também, com as características apontadas pelo engenheiro Eustáquio, os trabalhadores devem estar sempre disponíveis e dar prioridade à fábrica, ficando a vida particular em segundo plano. No entanto, Raimundo, questiona sobre o direito do trabalhador de ter uma vida fora da fábrica, e destaca que ninguém é máquina para trabalhar sem descansar e sem ter contato com a família. Apesar dos vários benefícios que a empresa oferecia através da cooperativa, o nosso entrevistado afirma que os acidentes de trabalho eram frequentes e não havia um acompanhamento do Serviço de Medicina e Segurança do Trabalho, “O médico da fábrica não dava a devida atenção para aquela situação, ele fazia vista grossa para as condições de saúde e de trabalho dos trabalhadores.” Inclusive essa afirmação de Raimundo confirma as narrativas feitas pelos trabalhadores, vítimas de acidentes de trabalho, cujos nomes, por solicitação dos mesmos, não foram divulgados.

Fora da fábrica: a experiência da organização

Repisamos nossa inspiração em Thompson para analisarmos a experiência de classe dos trabalhadores da Matsulfur: “Estamos falando de homens e mulheres em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações e em sua autoconsciência dessa experiência” (1981, p.111). Thompson, ao tratar de classe, direciona seu foco principal para a realidade das pessoas dentro do espaço das relações de produção. No entanto, em sua obra: *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*, afirma: “A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não acontece com a consciência de classe” (1997, p. 10).

É dessa perspectiva que analisamos a organização dos trabalhadores, considerando suas lutas, seus ideais e suas formas de organização institucionalizada através do movimento sindical renovado, no final da década de 1980 e início da década de 1990.

Segundo Raimundo Silva, no período de 1969 a 1984, os trabalhadores da Matsulfur foram representados pelo Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Montes Claros, cujo presidente sempre esteve a serviço dos empresários. Curiosamente, em nossas pesquisas

na imprensa local, encontramos no Diário de Montes Claros uma matéria intitulada *Coluna Sindical* datada do ano de 1965, na qual Zeferino Guedes, presidente do Sindicato, tecia elogios ao governo militar e fazia comunicações aos trabalhadores. (Diário de Montes Claros, de 30 Set de 1979, p. 30)

A falta de compromisso do sindicato com os trabalhadores da Matsulfur se apresentou mais evidente nos arquivos que analisamos da 1ª Vara do Tribunal de Justiça do Trabalho de Montes Claros referentes aos anos de 1976 a 1986, neles não localizamos nenhuma ação judicial movida pelo Sindicato em defesa dos direitos dos trabalhadores da Matsulfur. O único processo que encontramos foi o de nº 468/85, movido por três trabalhadores que cobravam horas extras e adicional de insalubridade, sendo que um desistiu; e os outros dois ganharam a causa, conforme decisão constante na ata do dia 28 de fevereiro de 1986. Esse fato nos motivou ainda mais a investigar as condições de trabalho dos operários da Matsulfur, tendo em vista que, segundo dados públicos, já analisadas, os setores da construção civil e da indústria de cimento são historicamente a atividade profissional que mais gerou acidentes, doenças e mortes de trabalhadores na história do país.

Nesse sentido, verificamos que no calor do surgimento do novo sindicalismo no Brasil e nos primeiros anos da década de 1980, quando já ocupava as páginas da imprensa local, e com a nova diretoria do Sindicato da Construção Civil, a direção da Matsulfur procurou imediatamente constituir uma Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria do Cimento e Produtos de Cimento de Montes Claros, esta, posteriormente, se tornou o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Cimento em Montes Claros (SINMENTO). Isso explica o porquê do sindicato ter surgido sem nenhum entrave por parte do Ministério do Trabalho, órgão da União responsável por autorizar a transformação de uma entidade de classe em um sindicato. Todas as informações apresentadas constam do livro de Atas nº 01 do SINMENTO e das correspondências expedidas pela direção da fábrica para o sindicato, no período analisado, 02 de outubro de 1982 a 13 de maio de 1986.

A primeira diretoria do sindicato era a mesma da associação, ou seja, segundo depoimento de Raimundo Silva Santos, todos os membros da primeira diretoria foram escolhidos pela direção da fábrica. Foi um período marcado por conquistas, frutos da boa relação do sindicato com a fábrica, a ponto do sindicato e a fábrica realizarem juntos eventos em comemoração ao dia 1º de maio, conforme constatamos em várias atas. Essa conduta do sindicato dos trabalhadores da Matsulfur deu continuidade à relação que o Sindicato da Construção Civil mantinha anteriormente com a fábrica, pois as reuniões, sempre aconteciam na sede da Associação Desportiva da fábrica.

A fonte documental do Sindicato acabou se tornando, para nossa pesquisa, um verdadeiro canal que permitiu que adentrássemos para um cenário, a priori inatingível. Dessa maneira, identificamos que na ata da reunião do dia 27 de agosto de 1985 o presidente, Raimundo Carlos, informou que a empresa concordou em pagar o adicional de insalubridade, conforme relatório expedido pela Fundacentro^{vi}, no entanto, declararam que a empresa não pagaria os dois anos retroativos. Informou ainda: “a empresa vai pagar a quem ela acha que merece”, alegando que ainda precisava fazer mais uma perícia por conta da empresa. Com relação à discussão salarial, foi eleito, entre os presentes, um representante de todos os departamentos da fábrica para participar de uma reunião com a direção.

Para compreendermos melhor a atuação desse sindicato, realizamos mais uma entrevista com Raimundo Silva Santos que, como representante dos trabalhadores do departamento dos mecânicos, esteve presente na citada reunião. Também queríamos saber quais fatores contribuíram para que ele entrasse para o movimento sindical:

Eu vi que o sindicato tava abandonado, já tinha o escritório no centro, mas as reuniões quando ocorriam, só o presidente e o tesoureiro que trabalhavam... eo país tava todo agitado com movimentos sociais, mas nosso sindicato não conseguia entrar na luta combativa pois sendo controlado pela empresa. Aí eu e um companheiro o Geraldo Rodrigues, assumimos o sindicato, aí nós chamamos alguns companheiros e formamos uma chapa de vinte quatro pessoas, com chapa única, fomos eleitos, em maio de 1987. Aí nós começamos trabalhar, quando veio a nova constituição, nós fomos atrás das leis que estavam sendo promulgadas naquele momento, como turno de horas, pra que a gente pudesse trabalhar menos, pessoal trabalhava 12 e 15 horas sem parar, e era por aí ... nos colocamos turno de revezamento de 8 horas pro pessoal que trabalhava no revezamento e hora normal de 44 horas para pessoal que trabalhava na semana, então agente começou a fazer essas lutas dentro do sindicato e dentro da fábrica e o pessoal foi apoiando essa luta nossa e nós foi continuando, isso no primeiro mandato. No segundo mandato, já empresa forçou ...foi um forçar de barras, a eleição concorreu três chapas, eles tentaram tirar a gente da jogada, mas nós conseguimos ganhar com 72 por cento dos votos, nas outras chapas eles só colocaram chefe, os pião que participaram foram forçados, eles chegaram no pião e falava, cê vai compor a chapa e ele falava não eu não sei mexer isso, mas tinha que participar mesmo. Eles tentaram ganhar etirar e gente, fui eu que fui candidato denovo e ganhei nós fomos eleito... e continuamos a luta, até depois da gente ... e os companheiros que vieram depois também aderiram a luta e aí mudou aquele enfoque que tinha ... das pessoas tinha que ta só na fábrica, só no serviço da fábrica, aí o pessoal começou a pensar neles, na família para ter mais benefícios e melhores condições de trabalho, foi aí que começamos até ajudar os moradores do bairro Eldorado que sofriam com a poluição da fábrica. (Entrevista concedida em 10 Dez 2013).

Como afirmamos anteriormente, o depoimento de Raimundo Silva mostra elevado grau de politização, ao perceber que o seu companheiro de trabalho, o presidente do sindicato, Raimundo Carlos, estava de “saia de justa”, por não saber como agir frente a todas as pressões que estava sofrendo. Por um lado, teria que honrar os acordos com os patrões; e, por outro, sofria a pressão dos trabalhadores em função da convulsão social e política que sacudia o país

e que estava atrelada à crise econômica, causando o crescimento vertiginoso da inflação, corroendo os salários e elevando os preços dos alimentos. Sem alternativas, o presidente do sindicato fez todos os procedimentos para a realização da eleição e uma nova diretoria, liderada por “Raimundão”, foi eleita.

Nesse sentido, para Hobsbawm (2000):

Um movimento sindical completamente apolítico praticamente não faz sentido, e seria hoje tão irrealista quanto uma indústria automobilística que alegasse não ter nada a ver com estradas. Ao mesmo tempo sempre houve tensões e divergências entre os aspectos industriais e político do movimento. (p. 389)

A análise crítica de Hobsbawm sobre o movimento sindical que não tem uma atuação politizada acabar perdendo seu sentido de ser, é evidente na narrativa de Raimundo sobre a primeiradiretoria do sindicato, ou seja, havia um sindicato mas não havia sindicalistas. Com relação às críticas de Raimundo sobre a primeira diretoria do sindicato, encontramos destaques de sua fala, conforme analisamos, nas próprias atas do sindicato referentes ao período de 1985 a 1987. Verificamos que os trabalhadores compareciam às assembleias, faziam suas reivindicações, mas, no entanto, o diretor-presidente, Raimundo Carlos, apenas comunicava sobre as reuniões que havia feito com a direção da fábrica, ele era quase um porta-voz dos patrões.

De acordo com as atas que analisamos e as entrevistas que fizemos, a Matsulfur desde a inauguração sempre realizou grandes eventos para os trabalhadores, as festas e os brindes se tornaram símbolos de conquista e prosperidade. Nesse cenário a fábrica desenvolveu uma cultura de que ela é quem pensavam no melhor para os operários, portanto, ao trabalhador caberia apenas trabalhar e não faltar ao serviço. Foi o que percebemos na fala de um dos nossos vários entrevistados, com as mãos calejadas mostrou suas medalhas e troféus conquistados por mérito pessoal, individual, e não coletivo. No entanto, Raimundo fez uma afirmação que merece destaque: “os companheiros começaram a descobrir uma nova vida fora dos muros da fábrica e notaram que não estavam só, estavam conhecendo os trabalhadores das fábricas de outras regiões e suas lutas”(entrevista concedida em 10 Dez 2013). Conforme podemos conferir na figura abaixo, que ilustra bem essa nova conjuntura.



Figura 1: Greve Geral dos Trabalhadores – 01/05/1989

Fonte: Arquivo do SINMENTO

Como já analisamos, as principais formas de organização fora da fábrica aconteciam através do sindicato. Ao analisarmos as atas das assembleias do SINMENTO, referentes ao período de 13 a 24 de maio de 1989, verificamos que a ideia de paralisação cresceu gradativamente, enfrentando a histórica prática de cooperação da entidade com os patrões. A direção da Matsulfur tinha tanta confiança no poder que exercia sobre os trabalhadores que nem respondia as correspondências enviadas pelo sindicato.

Na carta que analisamos e que fora expedida pelo sindicato constava a solicitação do reajuste salarial de acordo com a inflação. Em cada assembleia era informado que a direção da fábrica ainda não havia se manifestado, isso fazia com que a participação nas assembleias aumentasse e o número de trabalhadores que participavam dos debates se tornasse cada vez maior. De acordo com a ata do sindicato, a intensidade dos debates gerou um clima de insatisfação por parte dos trabalhadores em relação à direção da fábrica e, em meio às manifestações surgiu a proposta, feita pelo trabalhador João Luiz, de se fazer boletins, ele sugeriu também que todos procurassem conscientizar os demais companheiros sobre o que estava acontecendo. Assim, verificamos que a nova diretoria do sindicato, aos poucos, ia conseguindo motivar os trabalhadores para a luta por seus direitos, por esse motivo, conforme foi relatado em ata, a fábrica já estava cortando a liberdade de acesso dos trabalhadores ao telefone, e também de se deslocarem para outros setores, impedindo-os de conjeturarem sobre o assunto.

Outro aspecto importante é a consciência de classe que esses trabalhadores estavam construindo nesse novo jeito de fazer o movimento sindical acontecer. Mais uma vez as decisões nasciam dos próprios trabalhadores e o presidente do sindicato fazia toda a articulação, inclusive constituindo um grupo que faria a negociação com a empresa, além

disso, consta na ata que a paralisação aconteceria de forma pacífica e que começaria bem no início do horário de trabalho.

Conforme análise das atas das assembleias e dos acordos coletivos referentes ao período de 1989 a 1994, essa intimidação não surtiu o efeito desejado, tendo em vista que a fábrica acabou cedendo e fazendo os acordos coletivos com o sindicato, cumprindo com todos os protocolos exigidos pelo Ministério do Trabalho.

Ao analisar os acordos coletivos do SINMENTO, identificamos que as conquistas que antes eram consideradas ‘troca de favor’, ganharam *status* de conquista da classe operária, fruto das suas lutas e da boa conjugação de esforços entre sindicato e trabalhadores. O dissídio, segundo relatou o presidente do sindicato, ficou sendo apenas um recurso legal que eles utilizavam para forçar a empresa a fazer as negociações, além disso, uma greve na fábrica poderia gerar altos prejuízos, então, a empresa acabava aceitando as negociações a fim de evitar tais prejuízos.

Considerações Finais

A história social do trabalho, na perspectiva da escola inglesa faz uma abordagem que valoriza e enfatiza a experiência humana, propiciando ao pesquisador investigar os comportamentos e agregar conhecimento sobre as experiências e vivências dos trabalhadores. A partir desse referencial teórico, foi possível analisar as várias literaturas, jornais, revistas, boletins, atas, processos, fotografias e, por fim, entender os relatos dos trabalhadores sobre suas relações de trabalho dentro da Matsulfur.

Nesse contexto, destacamos que a utilização da História Oral contribuiu para a reconstrução mais concreta da história dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos – Matsulfur –, da cidade de Montes Claros, sujeitos sociais, que de forma destemida e corajosa conseguiram durante décadas garantir o funcionamento da fábrica e o sustento de suas famílias. Ao participar das assembleias e fazerem a paralisação, demonstraram para si mesmos e para seus empregadores que eram capazes de mudar o curso da história.

Este texto é uma pequena fração dessa história. Esperamos que ele sirva para suscitar outros debates, novas pesquisas e produções sobre estas pessoas comuns, os trabalhadores, que construíram e constroem a cidade de Montes Claros e que eles tenham na historiografia e na memória o lugar de que efetivamente são dignos.

Referências

- ENGELS, Frederic. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução B. A. Schumann; edição José Paulo Netto. - São Paulo: Boitempo, 2008.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- FONSECA, Geraldo (Org.). MORAES, Amyntas Jacques de. *O Contemporâneo do Amanhã*. Edição da Família. V. 1, 2 e 3. Belo Horizonte: Editora KMR, 1989.
- HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do trabalho* – novos estudos sobre história operária. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- Jornal do Norte (1965-1988). Arquivo particular do Sr. Américo Martins Filho.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cartas filosóficas e o manifesto comunista de 1848*. São Paulo: Editora Moraes, 1987.
- MARX, Karl. O 18 Brumário. In: MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kugelman*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- MEHY, José Carlos Bom. (Org.) - *(Re) Introduzindo a história oral no Brasil*. – São Paulo: Xamã, 1996.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.
- _____. *A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Vol. II.
- _____. *A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. Vol. III.
- THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- ZICMAN, René Barata. *História através da imprensa*. Algumas considerações metodológicas. IN: Projeto História n. 4, junho de 1985.

Notas

¹ Segundo Hobsbawm (2000), o futebol nasceu com os trabalhadores ingleses como forma de lazer nos momentos que estavam fora da fábrica, em meados de 1870, no entanto, ele destaca que posteriormente o esporte foi apropriado pela lógica do capitalismo.

² Geraldo do Nascimento Costa, 63 anos, aposentado, começou trabalhar na fábrica em 1974 e aposentou em 1997, mas permaneceu mais alguns anos na fábrica. Foi jogador no time da Matsulfur e trabalhou na fábrica de auxiliar de forno, auxiliar de moagem e mecânico de máquinas.

³ Antônio Fróis, 64 anos, aposentado, trabalhou no período de 01/08/1972 na Servieng, que estava ampliando a fábrica em 11/03/1975 foi contratado para trabalhar na Matsulfur e permaneceu depois de aposentado até 13/11/2000. Trabalhou em várias funções, como auxiliar de forno e de moinho, encerrou sua trajetória como especialista no tratamento de água.

O futebol como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga – foi produto da década de 1880, embora os jornais do norte, já no final da década de 1870, começaram a observar que os resultados dos jogos de futebol, publicados somente para preencher espaço, estavam na verdade atraindo leitores. (HOBBSAWM, 2000, P. 268.)

Gentil Santana da Silva, 68 anos, casado, aposentado, trabalhou na Matsulfur de 1980-1987, na função de auxiliar de Forno e Moagem.

Raimundo Silva Santos, 66 anos, aposentado, trabalhou na fábrica no período de 1982-2004, começou como auxiliar de mecânica e aposentou como mecânico, foi diretor do Sindicato dos trabalhadores da Matsulfur por dois mandatos.

Fundação do governo Federal responsável por fiscalizar, normatizar e regularizar o serviço de segurança e saúde no trabalho.